

De onde vêm os ataques à proposta

Octávio Costa

Ao atirar ontem nos críticos da estratégia brasileira de negociação da dívida, o embaixador Jório Dauster, talvez por diplomacia, preferiu não dar nomes aos bois. Mas não é preciso grande esforço para identificar o alvo de seu desabafo. Afinal, contam-se nos dedos as pessoas que discordam da proposta que o Brasil levou aos credores e do seu encaminhamento nas cansativa rodada de reuniões em Nova Iorque.

Entre os políticos, o apoio à proposta brasileira é quase total. Basta lembrar, por exemplo, que partiu do deputado federal César Maia (PDT/RJ) a idéia de o Senado dar integral respaldo aos termos concebidos pela equipe econômica do governo Collor. Maia não tem dúvida: "a proposta é correta". Quando o Senado discutiu seu apoio, o senador Fernando Henrique Cardoso também não titubeou: "A questão da dívida está acima dos interesses partidários".

Economistas das mais variadas tendência também aplaudiram a decisão inédita de atrelar qualquer acordo com os credores à efetiva capacidade de pagamento do país, e não mais ao esforço para conseguir superávits comerciais. Esforço que, por sinal, sempre contribuiu para

agravar os problemas da economia brasileira. Quem são, então, os críticos aos quais Dauster se referiu? No Congresso, há uma minoria que, preocupada em marcar posição, manifestou-se oficialmente contra a negociação. Partindo do chavão de sempre — "a dívida já foi paga" —, parlamentares do PCB, PC do B e PSB uniram-se para repetir que não concordam com o pagamento da dívida. Defendem, assim, a teoria do calote internacional, como se isso fosse viável.

Longe de defender a bravata que tão caro custou ao presidente do Peru, Alan Garcia (o Peru, depois do calote, fechou para balanço), alguns economistas questionam o desempenho dos atuais negociadores em parte pela necessidade de defender os métodos anteriores, e em parte por mera distração intelectual. Delfim Netto, por exemplo, faz uso do seu habitual sarcasmo e diz que "a proposta brasileira é ingênua, os negociadores brasileiros são inexperientes". Segundo Delfim, "aos poucos, eles vão cair na realidade".

O senador Roberto Campos, eleito deputado federal pelo Rio, é outro que vem atirando farpas. Em entrevista recente, Campos afirmou que "o tratamento da dívida externa tem sido postergatório, quase desinteressado". Campos também não perdoa a postura do Senado: "Como todos, ou quase todos os países endividados possuem Senado, bastaria que passassem resoluções e estaria abolido o problema de dívida externa... Há qualquer coisa no ar de Brasília que excita o surrealismo."

Demorou, mas eles conseguiram despertar a ira do embaixador.